

CRISE DE VERSO

STÉPHANE MALLARMÉ

TRADUÇÃO e NOTAS: LUIZ CARREIRA e ÁLVARO FALEIROS

1. Há pouco, em abandono de gesto, com a lassidão que causa o mau tempo, desesperando uma tarde após a outra, fiz recair, sem uma curiosidade mas como se houvesse lido tudo há vinte anos, o afilado de multicoloridas pérolas que a chuva aplica, ainda, ao rutilar das brochuras na biblioteca. Muitas obras, sob a miçanga da cortina, alinharão sua própria cintilação: amo como no céu maduro, contra a vidraça, seguem clarões da tempestade.¹
2. Nossa fase, recente, se não se fecha, toma pé ou talvez consciência: certa atenção desprende a criativa e relativamente segura vontade.
3. Mesmo a imprensa, cuja informação quer os vinte anos, ocupa-se do tema, de repente, em data exata.
4. A literatura aqui sofre uma extraordinária crise, fundamental.
5. Quem concede a esta função um lugar ou o primeiro, reconhece, aí, o fato atual: assiste-se, como fim de um século, não assim como foi no último, a transformações; mas, fora da praça pública, a uma inquietude do véu no templo com dobras significativas e um pouco sua laceração.²
6. Um leitor francês, seus hábitos interrompidos com a morte de Victor Hugo, não pode senão se desconcertar. Hugo, em sua tarefa misteriosa, reduziu toda a prosa, filosofia, eloquência, história a versos, e, como era o verso em pessoa, confiscou de quem pensa, discursiva ou narra, quase o direito de se enunciar. Monumento nesse deserto, com o silêncio longe; em uma cripta a divindade assim de uma majestosa idéia inconsciente, a

¹ O texto original publicado sob a supervisão de Mallarmé é marcado graficamente por um espaçamento que nitidamente separa os parágrafos, acentuando a possibilidade de uma leitura descontínua, como fragmentos. A opção de numerá-los é minha e obedece à intenção de facilitar a localização de passagens específicas do texto, bem como sua referência.

² A referência aqui é à passagem bíblica em que o véu do templo se rasga quando da morte de Cristo. Mateus 27; 51: "Nisso, o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam." Mallarmé refere-se a um momento em que se instala uma crise, em que algo se modifica radicalmente. Neste sentido, a significação se dá aqui por um paralelo. No episódio bíblico, o rompimento do véu representa, possivelmente, o fim da separação entre Deus e os homens, a dispersão do sagrado de um espaço restrito para fora de sua reclusão. Ao rasgar-se o véu, a presença de Deus deixa de ser o privilégio apenas do sumo sacerdote. Na poesia, com a morte de Victor Hugo, o verso escapa do espaço recluso de sua autoridade para tornar-se a própria literatura, não mais pré-determinado. Além disso, é preciso considerar ainda que essa dispersão do verso está vinculada à morte de Deus, o que é um tema (nietzschiniano ?) crucial.

saber que a forma chamada verso é simplesmente ela mesma a literatura; que verso há tão logo se acentue a dicção, ritmo, desde que estilo. O verso, creio, com respeito esperou que o gigante que o identificava com sua mão tenaz e firmíssima de forjador, viesse a faltar; para, ele, quebrar-se. Toda a língua, ajustada à métrica, recobrando seus cortes vitais, evade-se, como uma livre disjunção de mil elementos simples; e, indicarei, não sem semelhança com a multiplicidade dos gritos de uma orquestração, que permanece verbal.

7. A variação data daí: ainda que por baixo e de antemão inopinadamente preparada por Verlaine, tão fluida, retornando a primitivas soletrações.
8. Testemunha desta aventura, na qual quisera-me dar um papel mais determinante, ainda que não convenha a ninguém, dirigi a esta aventura, ao menos, meu fervoroso interesse; e já é tempo de falar disso, preferivelmente à distância assim como se fosse quase anônimo.
9. Concordem que a poesia francesa, em razão da prioridade dada no encantamento à rima, em sua evolução até nós, mostra-se intermitente: brilha um lapso. Exaure-a e aguarda. Extinção, antes usura do que exibir a trama, redizeres. A necessidade de poetizar, por oposição a circunstâncias variadas, faz, agora, após um dos orgíacos excessos periódicos de quase um século comparável à única Renascença, ou o giro impondo-se da sombra e do resfriamento, de modo algum! Que o resplendor difira, continue: A reimersão, normalmente escondida, faz-se publicamente, pelo recurso a deliciosos quases.
10. Acredito distribuir, sob um triplo aspecto, o tratamento dado ao cânone hierático do verso; graduando.
11. Essa prosódia, regras tão breves, intratável por isso: ela notifica tal ato de prudência, como o hemistíquio, e estatui o menor esforço para simular a versificação, à maneira dos códigos segundo os quais abster-se de roubar é a condição por exemplo de direiteza. Justo o que não importa aprender; como não tê-lo adivinhado por si e a princípio, e estabelece a inutilidade de a ela se submeter.
12. Os fiéis ao alexandrino, nosso hexâmetro, soltam interiormente esse mecanismo rígido e pueril de sua medida; o ouvido, liberto de um contador artificial, conhece uma alegria em discernir, só, todas as combinações possíveis, entre si, de doze timbres.

13. Julguem o gosto moderníssimo.
14. Um caso, de modo algum o menos curioso, intermediário; – o seguinte.
15. O poeta de um tato agudo que considera esse alexandrino sempre como a jóia definitiva, mas apenas para tirar, espada, flor, tão pouco segundo algum motivo premeditado, toca-o como que pudicamente ou diverte-se à sua volta, outorga-lhe vizinhos acordes, antes de entregá-lo soberbo e nu: deixando seu dedilhado fraquejar sobre a décima primeira sílaba ou propagar-se, muitas vezes, até a décima terceira. M. Henri de Régnier é excelência nesses acompanhamentos, de sua invenção, eu sei, discreta e ativa como o gênio que ele instaurou e reveladora da perturbação transitória para os executantes diante do instrumento hereditário. Outra coisa ou simplesmente o contrário, descobre-se um motim, voluntário, no vazio do velho molde fatigado, quando Jules Laforgue, no começo, iniciou-nos no encanto certo do verso falso.
16. Até agora, em um ou outro dos modelos citados, nada, senão reserva e abandono, por causa da lassidão pelo abuso da cadência nacional; cujo emprego, assim como aquele da bandeira, deve permanecer excepcional. Com esta particularidade contudo divertida, de que infrações voluntárias ou sábias dissonâncias apelam à nossa delicadeza, no lugar em que esteve, porém, há apenas quinze anos, o pedante, que permanecíamos, exasperado, como se diante de algum sacrilégio ignaro! Eu diria que a reminiscência do verso estrito habita esses jogos ao lado e lhes confere algum proveito.
17. A novidade toda se instala, em relação ao verso livre, não como o século XVII atribuiu à fábula ou à ópera (tratava-se apenas de um arranjo, sem a estrofe, de diversos metros notórios), mas o chamemos, como lhe convém, de "polimorfo": e vislumbremos agora a dissolução do número oficial, como quisermos, ao infinito, contanto que um prazer aí se reitere. Ora uma eufonia fragmentada conforme o assentimento do leitor intuitivo, com uma ingênua e preciosa justeza – recentemente, o Sr. Moréas; ora um gesto, lânguido, de devaneio, sobressaltando, de paixão, que escande – o Sr. Vielé-Griffin; previamente, o Sr. Kahn com uma muito sábia notação do valor tonal das palavras. Não dou nomes, e há muitos típicos, além dos de MM. Charles Morice, Verhaeren, Dujardin, Mockel e todos, senão como prova do que digo; a fim de que se chegue às publicações.
18. O notável é que, pela primeira vez, no curso da história literária de qualquer povo, concorrentemente aos grandes órgãos gerais e seculares, onde se exalta, a partir de um latente teclado, a ortodoxia, qualquer um

com seu toque e seu ouvido individuais pode compor um instrumento, desde que o sobre, o esfregue, ou o bata com ciência; usá-lo à parte e dedicá-lo também à Língua.

19. Uma alta liberdade de adquirida³, a mais nova: não vejo, e esta é minha veemente opinião, apagamento de nada que tenha sido belo no passado, permaneço convencido que nas ocasiões amplas sempre se obedecerá à tradição solene, cuja preponderância provém do gênio clássico: no entanto, quando isso não acontecer, por causa de uma sentimental inspiração ou por uma narrativa, de incomodar os ecos veneráveis, alguém há de fazê-lo⁴. Toda alma é uma melodia, trata-se de reatá-la; e para tanto, a cada um sua flauta ou viola.
20. Ao que me parece brota já tarde uma condição verdadeira ou a possibilidade, de não apenas expressar-se, mas de modular-se, a seu critério⁵.
21. Às línguas imperfeitas porque várias, falta a suprema: pensar sendo escrever sem acessórios, nem sussurros mas tácita ainda a fala⁶ imortal, a diversidade, na terra, dos idiomas impede seja quem for de proferir as **palavras** (mots) que, senão se encontrariam, por uma cunhagem única, ela mesma materialmente a verdade. Esta proibição pune expressa, na natureza (tropeça-se nela com um sorriso) que não há razão para se considerar Deus; mas, neste instante, voltado à estética, meu sentido lamenta que o discurso desfaleça para exprimir os objetos por toques, respondendo-lhes pelo colorido ou pelo andamento, que existem no instrumento da voz, entre as linguagens e algumas vezes em alguém. Ao lado de *sombra*, opaca, *trevas* ofusca pouco; que decepção, diante da perversidade que confere a *diurno* como a *noitada*⁷, contraditoriamente, timbres escuro no primeiro, claro no último. O desejo de um termo de esplendor brilhando, ou que se apague, inverso; quanto a alternativas

³ “Liberté d’acquire”, uso incomum do particípio passado do verbo “acquérir”, aqui substantivado, como provável sinônimo de “acquis”.

⁴ “On regardera à le faire...” ambigüidade do on sugere que este alguém seja o próprio Mallarmé, ou não.

⁵ A passagem da expressão para a modulação anuncia uma nova concepção de linguagem em que o gesto interpretativo é decisivo no processo de construção do sentido.

⁶ *Parole*: palavra, fala.

⁷ Mallarmé utiliza jour e nuit, se utilizássemos noite e dia, não haveria contradição.

luminosas simples – *Somente, sabemos não existiria o verso: ele, filosoficamente remunera o defeito das línguas, complemento superior.*⁸

22. Estranho arcano; de intenções não das menores, brotou a métrica nos tempos incubatórios.⁹
 23. Que uma média de palavras estendidas, sob a compreensão do olhar, arranje-se em traços definitivos, com isto o silêncio.
 24. Se, no caso francês, invenção privada não ultrapassa o legado prosódico, o desprazer rebentaria, entretanto, que um cantor não tenha certeza de em digressões ou por bel prazer passos na infinidade dos floreios, em qualquer lugar onde sua voz encontre uma notação, colher...¹⁰ A tentativa, há pouco, aconteceu e, a parte pesquisas eruditas neste sentido ainda, acentuação, etc., anunciadas, conheço apenas um jogo, sedutor, conduz-se com os fragmentos do antigo verso reconhecíveis, a eludi-lo ou descobri-lo, mais do que um súbito achado, do todo ao todo, estrangeiro. O tempo de se desatar as normas e de se eliminar o zelo, onde se falseou a escola. Muito preciosamente: mas, desta libertação a ser melhor examinada ou, de uma vez por todas, que todo indivíduo traz uma prosódia, nova, participando com seu sopro - também, certamente, alguma ortografia - a brincadeira ri alto ou inspira o tablado dos prefaciadores. Similitude entre os versos, e velhas proporções, uma regularidade durará porque o ato poético consiste em ver de repente que uma idéia se fraciona em um número de motivos de igual valor e a agrupá-los; eles rimam: como selo exterior, sua medida comum que aparenta o lance final.
25. No tratamento, tão interessante, pela versificação experimentada, de repouso e de interregno, jaz, menos que em nossas circunstâncias mentais virgens, a crise.

⁸ Trata-se aqui de um trecho celeberrimo da obra de Mallarmé. No seu clássico ensaio *Die Aufgabe des Übersetzters*, Walter Benjamin cita esta passagem do texto sem traduzi-la. Este pequeno fragmento incrustado na obra de Benjamin permanece no original francês mesmo quando o ensaio é traduzido para outras línguas. Esta circunstância, somada ao comentário de Benjamin, e às próprias qualidades do texto de Mallarmé, acentuam em torno de sua leitura uma aura de mistério. A referência ao texto de Benjamin não é apenas circunstancial. Está indicado aqui um problema central para a compreensão da obra de Mallarmé que é esta espécie de filosofia da linguagem, cuja compreensão deve passar inevitavelmente pela explicação desse conceito de imperfeição das línguas, tema significativo no trabalho de Benjamin.

⁹ Como é freqüente, os textos de Mallarmé se iluminam reciprocamente. Esses tempos incubatórios são a Idade Média: "Le moyen âge, incubatoire" (Magie, *Divagations*); "Le moyen âge, à jamais, reste incubation ainsi que commencement de monde, moderne" (Catholicisme, *Divagations*).

¹⁰ Que um cantor não tenha certeza de (em digressões ou por bel prazer) passos na infinidade dos floreios, em qualquer lugar onde sua voz encontre uma notação, colher... invenção privada não ultrapassa o legado prosódico. (Entretanto, se, no caso francês, isso não acontecesse, o desprazer rebentaria).

26. Ouvir o indiscutível raio - como traços douram e laceram um meandro de melodias: ou a Música reúne-se com o Verso para formar, desde Wagner, a Poesia.
27. Não que um ou outro elemento se afaste, com vantagem, rumo a uma integridade em parte triunfante, enquanto concerto mudo caso não articule e o poema, enunciador: de sua comunidade e reimmerge, aclara a instrumentação até a evidência sob o véu, como a elocução mergulha na noite das sonoridades. O moderno dos meteoros, a sinfonia, pela vontade ou sem o conhecimento do músico, aproxima o pensamento; que não reivindica mais apenas a expressão corrente.
28. Alguma explosão do Mistério a todos os céus de sua impessoal magnificência, onde a orquestra não devia não influenciar o antigo esforço que há muito tempo almejou-se traduzir apenas pela boca da raça.
29. Índice duplo conseqüente –
30. Decadente, Mística, as Escolas que se declaram ou são rotuladas apressadamente por nossa imprensa informativa, adotam, como encontro, o ponto de um Idealismo que (semelhantes às fugas, às sonatas) recusa os materiais naturais e, como brutal, um pensamento exato que os ordena; para guardar de nada apenas a sugestão. Instituir uma relação entre as imagens exata, e que dela se destaque um terceiro aspecto fusível e claro apresentado à adivinhação... Abolida, a pretensão, esteticamente um erro, ainda que ela reja as obras-primas, de incluir no papel sutil do volume outra coisa além de por exemplo o horror da floresta, ou o trovão mudo disperso na folhagem: não o bosque intrínseco e denso das árvores. Alguns jatos do íntimo orgulho veridicamente alardeados despertam a arquitetura do palácio, o único habitável; fora de toda pedra, sobre o que as páginas se fechariam mal.
31. "Os monumentos, o mar, a face humana, em sua plenitude, nativos, conservando uma virtude diversamente atraente que não os velará uma descrição, evocação ditas, *alusão* eu sei, *sugestão*: esta terminologia um pouco ao acaso atesta a tendência, uma muito decisiva, talvez, que tenha sofrido a arte literária, aquela a demarca e isenta. O sortilégio dessa arte, se não é libertar, além de um punhado de pó ou realidade sem enclausurá-la, no

livro, mesmo como texto, a dispersão volátil seja o espírito, que não tem nada a fazer além da musicalidade de tudo."

32. Falar não tem outra inserção na realidade das coisas senão comercialmente: em literatura, o falar contenta-se em fazer uma alusão a ela ou desmembrar sua qualidade que incorporará alguma idéia.
33. Nessa condição se alça o canto, apenas uma alegria mais leve.
34. Tal visada, chamo Transposição – Estrutura, uma outra.
35. A obra pura implica a desapareição elocutória do poeta, que cede a iniciativa às palavras, pelo choque de sua desigualdade mobilizadas; elas se acendem de reflexos recíprocos como um virtual rastilho de fogos sobre as pedrarias, substituindo a respiração perceptível no antigo sopro lírico ou a direção pessoal entusiasta da frase.
36. Uma ordenação do livro de versos desponta inata ou onipresente, elimina o acaso; ainda que necessária, para omitir o autor: ora, um assunto, fatal, implica, entre os fragmentos juntos, em tal acordo quanto ao lugar, no volume, a que corresponde. Susceptibilidade em razão do grito possuir um eco – motivos do mesmo jogo se equilibrarão, balanceados¹¹, à distância, nem o sublime incoerente da paginação romântica nem essa unidade artificial, outrora, medida em bloco no livro. Tudo se torna suspenso, disposição fragmentária com alternância e diante de, concorrendo com o ritmo total, este que seria o poema calado, feito de brancos; apenas traduzido, de uma maneira, por cada pingente. Instinto, quero, entrevisto entre publicações e, se o tipo suposto não permanece exclusivo de complementares, a juventude, desta vez, em poesia onde se impõe uma fulgurante e harmoniosa plenitude, gaguejou o mágico conceito de Obra. Alguma simetria, paralelamente, que, da situação dos versos na peça liga-se à autenticidade da peça no volume, voa, além do volume, vários inscrevendo, sobre o espaço espiritual, a rubrica amplificada do gênio, anônimo e perfeito como uma existência de arte.
37. Quimera, ter pensado nisso atesta, no reflexo de suas escamas, quanto o ciclo presente, ou último quarto de século, sofre algum clarão absoluto - cujo descabelamento¹² de enxurrada aos meus ladrilhos impõe sua torrencial perturbação, até iluminar o seguinte – que, mais ou menos, todos os livros, contêm a fusão de certos redizeres contados: mesmo se

¹¹ Balancé, balançado? Balanceado? Em francês o sentido que predomina é de equilíbrio ainda que em sentido figurado seja compreendido como em "suspense", hesitante.

¹² O poètes sacrés, échevelés, sublimes..." Victor Hugo.

fosse apenas um – no mundo, sua lei - bíblia conforme a simulam as nações. A diferença, de uma obra a outra, oferecendo tantas lições propostas em um imenso concurso para o texto verídico, entre as idades ditas civilizadas ou – letradas.

38. Certamente, jamais me sento nas salas de concerto, sem perceber no meio da escura sublimidade algo como um esboço de alguém, poemas imanentes à humanidade ou seu original estado, tão mais compreensível porque calado e que para determinar sua vasta linha o compositor experimentou essa facilidade de suspender até a tentação de se explicar. Imagino, sem dúvida por um irremediável preconceito de escritor, que nada perdurará sem ser proferido; que estamos aí, precisamente, a procurar, diante de uma quebra dos grandes ritmos literários (já tratada acima) e sua dispersão em frêmitos articulados próximos da instrumentação, uma arte de consumir a transposição, para o Livro, da sinfonia ou meramente de retomar nosso bem: pois, não se trata de sonoridades elementares por meio dos metais, das cordas, dos sopros em madeira, inegavelmente, mas da intelectual **palavra** em seu apogeu que deve com plenitude e evidência, resultar, como o conjunto das relações existente em tudo, a Música.¹³

39. Um desejo inegável de meu tempo é separar de modo a evidenciar atribuições diferentes o duplo estado da **palavra**, bruto ou imediato aqui, lá essencial.¹⁴

40. Narrar, ensinar, mesmo descrever, vá lá que talvez bastasse para cada um intercambiar o pensamento humano, tomar ou colocar na mão de outrem em silêncio uma moeda, o emprego elementar do discurso está a serviço da

¹³ A teoria literária de Mallarmé entrecruza-se inevitavelmente com os domínios da pintura, da música e da dança (mímica), captando-lhes o essencial para compor sua compreensão da linguagem poética. Neste fragmento, por exemplo, temos a indicação capital do modo como devemos entender a Música como elemento da composição poética. Em carta escrita a Edmund Gosse em 10 de janeiro de 1893, Mallarmé, agradecendo ao literato inglês por um artigo sobre si publicado em *The Academy*, comenta, ainda que brevemente, de modo preciso pontos chave de sua poética, como, por exemplo, a compreensão da Música: "Je fais de la Musique, et appelle ainsi non celle qu'on peut tirer du rapprochement euphonique des mots, cette première condition va de soi; mais l'au-delà magiquement produit par certaines dispositions de la parole, où celle-ci ne reste qu'à l'état de moyen de communication matérielle avec le lecteur comme touches du piano. (...) Employez Musique dans le sens grec, au fond signifiant l'idée ou rythme entre des rapports; lá, plus divine que dans son expression publique ou symphonique." (Mallarmé, Stéphane. *Correspondence*. Paris, Gallimard, 1995; p. 614.)

¹⁴ Do fragmento 39 a 44 trata-se de um texto que apareceu pela primeira vez integralmente como prefácio ao *Traité du Verbe* de René Ghil, publicado em 1886.

universal *reportagem* da qual, exceto a literatura, participam todos os gêneros de escrita contemporâneos.

41. Para que serve a maravilha de transpor um fato de natureza em sua quase desapareição vibratória de acordo com jogo da *palavra (parole)*, entretanto; se não é para que daí emane, sem o desconforto de uma próxima ou concreta referência, a noção pura.
42. Digo: uma flor! e, fora do esquecimento em que minha voz relega nenhum contorno, como qualquer coisa que não os sabidos cálices, musicalmente se eleva, idéia mesma e suave, a ausente de todos os buquês.
43. Ao contrário de uma função de numerário fácil e representativa, como o trata de início a multidão, o dizer, antes de mais nada, sonho e canto, reencontra no Poeta, por necessidade constitutiva de uma arte consagrada às ficções, sua virtualidade.
44. O verso que de vários vocábulos refaz um mote¹⁵ total, novo, estrangeiro à língua e como que encantatório, consuma este isolamento da palavra (*parole*): negando, num traço soberano, o acaso remanescente nos termos apesar do artifício de sua retêmpera alternada entre o sentido e a sonoridade, e vos causa esta surpresa de não ter jamais ouvido esse fragmento ordinário de elocução, ao mesmo tempo que a reminiscência do objeto nomeado mergulha numa nova atmosfera.

¹⁵ Etimologicamente *mote* vem do provençal *mot*: palavra, sentença breve. É uma forma possível, nesse contexto, de se manter a variação semântica: *mot-parole-terme*, com a qual Mallarmé trabalha nesse parágrafo final.